

## **EQUIDADE DE GÊNERO NA CONTABILIDADE NO BRASIL: O PROTAGONISMO DA MULHER**

Joseane dos Santos Fraga Fontoura<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente artigo tem por objetivo demonstrar de maneira descritiva a evolução da atuação da mulher contabilista no Brasil, e ainda, como ela está cada vez mais inserida como protagonista na profissão contábil. O estudo relata a origem da contabilidade no mundo e no Brasil, além de discorrer sobre a introdução da mulher no mercado de trabalho e de sua ascensão na carreira contábil. A contabilidade sempre foi reconhecida como uma profissão dominada por homens, até alguns anos atrás isso também consistia na realidade do Brasil. No entanto, este cenário tem se mostrado favorável às mulheres, principalmente na última década, apresentando um crescimento acelerado da participação das mesmas no mercado de trabalho contábil. Para este estudo, foram utilizados como métodos de pesquisa, o levantamento de dados quantitativos junto a órgãos governamentais e reguladores, além de pesquisa bibliográfica de caráter exploratório e descritivo. A partir destes dados, é importante caracterizar a equidade de gênero na profissão de contabilista no século XXI; e, por mais que ainda existam alguns passos a serem dados e desafios a serem vencidos, como por exemplo, o combate à discriminação e à diferença salarial, o avanço já é significativo e constante. As averiguações mostram que de fato, na última década a mulher contabilista vem conquistando cada vez mais seu espaço, e destacando-se com habilidades que vão além do conhecimento técnico adquirido com a formação acadêmica.

Palavras-chave: Equidade de gênero; Contabilidade brasileira; Mulher contabilista.

### **ABSTRACT**

This article aims to demonstrate in a descriptive way the evolution of the role of women accountants in Brazil, and also how she is increasingly inserted as a protagonist in the accounting profession. The study reports the origin of accounting in the world and in Brazil, in addition to discussing the introduction of women into the labor market and their rise in the accounting career. Accounting has always been recognized as a male-dominated profession, until a few years ago this was also the reality of Brazil. However, this scenario has improved for women, especially in the last decade, starting an accelerated growth in their participation in the accounting job market. For this study, the survey of quantitative data from government and regulatory bodies were used as research methods, in addition to bibliographical research of an exploratory and descriptive nature. Based on these data, it is

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Ciências Contábeis da Universidade La Salle – Unilasalle, matriculado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II, sob a orientação da Profa. Me. Patrícia Coelho Motta de Souza. E-mail: joseane\_1695@hotmail.com. Data de entrega: 30 nov. 2021.

important to characterize gender equality in the accounting profession in the 21st century; and, even though there are still some steps to be taken and challenges to be overcome, such as combating discrimination and the wage gap, progress is already significant and constant. The investigations show that, in fact, in the last decade, the woman accountant has been increasingly conquering her space, and standing out with skills that go beyond the technical knowledge acquired with academic training.

Keywords: Gender equity; Brazilian accounting; Accountant woman.

## 1 INTRODUÇÃO

Independente da cultura e localização geográfica, as mulheres sempre tiveram seu papel definido segundo um padrão imposto pela sociedade. O homem, definido como o provedor da casa e quem poderia sair para a caça e/ou guerras e a mulher responsável pelos afazeres domésticos, pela criação dos filhos e pela administração do lar. A desigualdade social e a distinção de gêneros sempre esteve explícita na sociedade global.

Com a Revolução Industrial, que teve início no final do século XVIII na Inglaterra, foi o momento em que a mulher de fato foi inserida ao mercado de trabalho. Foi por meio desse processo de industrialização que aconteceram várias transformações nos países industriais como por exemplo, o trabalho humano que deu lugar às máquinas, a ampliação da zona urbana, o aumento da produção de bens e serviços e uma reorganização da sociedade nos âmbitos econômico, cultural e social.

No Brasil, somente a partir da década de 1940 as mulheres começaram a ganhar espaço no mercado de trabalho. As indústrias precisavam de mão de obra e com os salários das mulheres sendo muito inferiores aos dos homens, elas começaram a conquistar mais espaço, pois representavam um custo menor aos empregadores. E durante algum tempo, mais precisamente até metade da década de 60, as mulheres só podiam ingressar no mercado de trabalho mediante autorização legal do cônjuge. Esse cenário só mudou com a Constituição Federal de 1988, que trouxe como uma das principais colaborações a igualdade de direitos entre homens e mulheres.

Na história da Contabilidade não foi diferente, desde a sua origem no Brasil, praticamente em 1500 junto com a descoberta do país, mas regulamentada somente a partir do ano de 1770 no Brasil, a profissão contábil sempre foi representada por homens. Segundo o Conselho Federal de Contabilidade (CFC), no ano de 1996 as mulheres representavam cerca de 27% dos profissionais contabilistas, em 2018 o número já ultrapassa os 40%. A representatividade feminina aumentou consideravelmente nas últimas décadas. No curso de Ciências Contábeis elas já são maioria, configuram mais de 50% dos estudantes em sala de aula e formados.

Infelizmente, a mulher contabilista por mais preparada, qualificada e focada que esteja, ou cargos de importância que exerça, ainda sofre com a desigualdade de gênero no Brasil. Existem alguns confrontos a serem vencidos, tais como a diferença salarial, a discriminação, o assédio sexual entre outros. Além disso, a mulher contabilista têm em muitos casos uma jornada superior de trabalho ao

desempenhado pelos homens, pois a maioria chega do trabalho e continua suas atividades em casa, com os afazeres domésticos e cuidados com os filhos.

Levando em consideração o momento atual, é possível dizer que o mercado é favorável à mulher contabilista, e que é notório o avanço e a evolução da mulher na profissão contábil no Brasil. Mas ainda existe um longo caminho a ser percorrido para que de fato, se tenha uma equidade de gêneros na profissão contábil no Brasil.

Com base nestes fatos, o objetivo geral do presente artigo é demonstrar de maneira qualitativa e quantitativa a evolução da atuação da mulher contabilista no Brasil. O objetivo geral será atendido com base na análise dos objetivos específicos, que são: discorrer sobre a participação da mulher no mercado de trabalho por meio de pesquisa bibliográfica, considerando o caráter exploratório e descritivo, apresentar o aumento da representatividade feminina na profissão contábil no Brasil e por fim, fazer um levantamento de dados nos sites do Conselho Regional de Contabilidade (CFC) e Conselhos Regionais de Contabilidade (CRCs), que atestem o crescimento da participação das mulheres na história da contabilidade no Brasil. Estes objetivos buscam responder a situação problema da presente pesquisa que se apresenta através da questão: “Existe um crescimento da participação da mulher na profissão contábil no Brasil?”.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

Nesta parte da pesquisa são expostas as discussões referentes à origem e conceito de contabilidade, estudos sobre a contabilidade no Brasil e como se deu sua história. Além disso, é relatado a respeito da inserção da mulher no mercado de trabalho e de sua participação e evolução na profissão contábil no Brasil, com enfoque no seu papel na sociedade e os reflexos na sua jornada profissional.

### **2.1 Origem e conceito de contabilidade**

A contabilidade, apesar de estar diretamente ligada a números, é uma ciência social e não exata, usando como base técnica os acontecimentos pertencentes a sociedade (SANTOS E BARBOSA, 2002).

Segundo Barroso (2018), “A Contabilidade é uma ciência social aplicada que possui como objeto próprio de estudo o Patrimônio das entidades, tendo como um dos seus macros objetivos a divulgação financeira compreensível aos usuários para tomada de decisões”.

Segundo Franco:

A Contabilidade é a ciência que estuda os fenômenos ocorridos no patrimônio das entidades, mediante o registro, a classificação, a demonstração expositiva, a análise e a interpretação desses fatos, com o fim de oferecer informações e orientação necessárias à tomada de decisões sobre a composição do patrimônio, suas variações e o resultado econômico decorrente da gestão da riqueza patrimonial (FRANCO, 1997, p. 21).

De acordo com Ludícibus (2015), o principal objetivo da contabilidade é, por meio das informações prestadas pelos demonstrativos financeiros, auxiliar os seus usuários na tomada de decisões. Para isso, utiliza-se como base o planejamento com o intuito de desenhar o caminho mais adequado para o futuro da entidade e o

controle de todos os dados coletados e processados pela organização visando o cumprimento do que foi planejado e alinhado pela empresa.

Mattes, Dalongaro e Wesz (2018), relatam que a contabilidade tem como fim primordial o estudo do patrimônio de pessoa física e jurídica, e não meramente um instrumento de coleta de impostos do governo. É mais significativa no apoio ao processo de tomada de decisões, a partir dos relatórios gerados com base nas informações extraídas no ambiente interno e externo da empresa.

A aparição da contabilidade deu-se ainda na era antiga, em que o homem primitivo via a necessidade de registrar mesmo que de maneira rudimentar, através de desenhos e rabiscos grotescos, os números que envolviam os bens que tinha em sua posse, como instrumentos de caça, pesca, rebanho etc. Com a evolução do homem primitivo, o mesmo através de sua inteligência e raciocínio foi elaborando métodos mais desenvolvidos para registrar seu patrimônio (IUDÍCIBUS, 2015).

A escrituração contábil nasceu antes mesmo que a escrita comum aparecesse, ou seja, o registro da riqueza antecedeu aos demais, como comprovam os estudos realizados sobre a questão, na antiga Suméria. Quando se adentra na história da contabilidade, quatro mil anos a.C., aproximadamente, em uma época em que não havia moeda, escrita formal e até os números, observa-se o homem pastor, executando uma contabilidade rudimentar, tentando refletir quanto aumentou seu rebanho de um inverno para o outro, comparando o número de pedrinhas entre os dois períodos. A rigor, o homem fez um inventário há um ano e outro inventário agora. [...] De forma muito rudimentar, poderíamos dizer que os inventários estariam correspondendo aos balanços anuais (IUDÍCIBUS E MARION, 2002, p.23).

Schmidt (2000, p.11), ressalta que a obra *La Summa de Arithmetica, Geometria, Proportioni et Proportionalitá* do Frei Luca Pacioli, por hábito seja apontada como a iniciação da Contabilidade, essa opinião está sendo modificada por meio de averiguações arqueológicas, fazendo-se necessário ponderar a Contabilidade originária dos tempos primórdios da história das civilizações.

Sobre a origem da contabilidade Britto, 2015 afirma:

Entretanto, os primeiros vestígios de atividade contábil foram encontrados na Mesopotâmia, por volta de 4000 a.C., para assegurar o controle de posses nas trocas de gado, grãos, pão, objetos e demais suprimentos entre os sumérios. Inicialmente, eram utilizadas fichas de barro para representar a circulação de bens, logo substituídas por tábuas gravadas com a escrita cuneiforme. As chamadas plaquetas<sup>2</sup> de Uruk<sup>3</sup>, consideradas os primeiros registros da escrita da humanidade, são uma espécie de livro de contas. Portanto, os registros contábeis não só antecederam o aparecimento da escrita como subsidiaram seu surgimento e evolução (BRITTO, 2015, p. 15).

A história da contabilidade pode ser dividida em quatro períodos distintos (SÁ, 1997, p. 13-14):

---

<sup>2</sup> Placas de argila contendo símbolos que representavam os commodities da época: ferro, gado, grãos e etc.

<sup>3</sup> Cidade da antiga Mesopotâmia considerada por grande parte dos arqueólogos como o berço da civilização urbana de fato, dando origem ao nome do país que hoje ocupa aquela região: Iraque.

**I. Contabilidade na Idade Antiga ou da Contabilidade Empírica: princípio da história até o ano de 1202 da era cristã**

Segundo Sá (1997, p.12) “a escrituração contábil nasceu antes mesmo que a escrita comum aparecesse, ou seja, o registro da riqueza antecedeu aos demais, como comprovam os estudos realizados sobre a questão, na antiga Suméria”.

“Com o surgimento da moeda e das medidas de valor, o sistema de contas ficou completo, sendo possível determinar as contas contábeis representantes do patrimônio e seus respectivos valores” (SCHMIDT, 2000, p. 22).

**II. Contabilidade na Idade Média ou da Sistematização da Contabilidade (partidas dobradas): de 1202 até o ano de 1494**

Sá (1997), citando Melis:

Melis entende que a obra de Leonardo Fibonacci é demarcatória de um período da História da Contabilidade não só porque é uma literatura mercantil e de cálculos aplicados ao comércio, [...] mas também porque a atmosfera da época já era a do aparecimento da partida dobrada (SÁ, 1997, p. 36)

**III. Contabilidade na Idade Moderna ou da Literatura da Contabilidade (obra de Luca Pacioli): de 1494 até o ano de 1840**

Do tratado de Luca Pacioli, denominado *Tracturus de computis et scripturis*, Schimidt afirma que vieram heranças valiosas para a Contabilidade, de como proceder quanto aos registros, o inventário, o livro diário e o livro razão (a contrastação entre ambos) e a legalização desses livros para que não ocorressem enganos e golpes em tais registros, a definição de despesas e receitas, a orientação para a averiguação ao final de cada ano do resultado financeiro, além do sistema de partidas dobradas e a salientação de que o devedor anteciparia o credor (SCHMIDT, 2000, p. 30).

**IV. Contabilidade na Idade Contemporânea ou Científica da Contabilidade (obra de Francesco Villa): de 1840 até os dias atuais**

Na era científica, o profissional contábil precisa estar em constante renovação, passando para além das normas contábeis. O mercado de trabalho do século XXI, exige que a contabilidade sirva como um instrumento de tomada de decisões, de maneira objetiva mas também subjetiva, abordando a teoria mas considerando como influência em seus resultados as questões sociais da humanidade.

“[...] noções econômicas e administrativas aplicadas à arte de escriturar os livros e registrar as contas. [...] é preciso que o contador tenha um perfeito conhecimento da gestão da entidade e não domine apenas técnicas de registro contábil” (SCHMIDT, 2000, p. 54).

## 2.2 A contabilidade no Brasil

De acordo com Schmidt (2000), a contabilidade brasileira pode ser fragmentada em dois grandes momentos, do Descobrimento do Brasil até o ano de 1964, e a partir de 1964 quando novas ferramentas de ensino foram adotadas. “Essa primeira fase de desenvolvimento da Contabilidade nacional foi marcada por dois aspectos relevantes: a intervenção da legislação no desenvolvimento de procedimentos contábeis e a influência das escolas italianas” (SCHMIDT, 2000, p. 209).

Buesa (2010), enumera os eventos mais marcantes da Contabilidade no Brasil: em 1702 foi criada pelo Governo a Intendência de Minas; em 1719 foram criadas as Casas de Fundição e da Moeda em Vila Rica; em 1850 a criação do Código Comercial (que estabeleceu a obrigatoriedade da escrituração contábil e o Balanço anual); em 1856 a fundação do Instituto Comercial do Rio de Janeiro; a aprovação dos cursos Guarda-Livros e de Perito-Contador da escola Prática de Comércio em 1905; a publicação no Diário Oficial da União da regulamentação da profissão de Contador; e em 1940 nasceu a primeira Lei das Sociedades por Ações.

Durante o Brasil colonial, não teve grandes mudanças na esfera contábil, somente a partir de 1946 que aconteceram dois fatos marcantes na Contabilidade no Brasil, a inauguração da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo (FEA-USP), e a criação do Conselho Federal de Contabilidade e a instituição dos Conselhos Regionais de Contabilidade pelo Decreto-Lei nº 9.295/46 (BUESA, 2010).

O marco que definiu o início da segunda fase de evolução da contabilidade brasileira a partir de 1964, foi o método inovador inserido pelo professor José da Costa Boucinhas, na linha norte-americana, com base no livro *Introductory Accounting* (Contabilidade Introdutória), de Finney & Miller.

### Segundo Marion:

A mudança de enfoque da escola Italiana para a Escola Americana deu-se em função da influência de algumas empresas de auditoria, que acompanhavam as multinacionais anglo-americanas. Estas, através de manuais de procedimentos e treinamento, formaram profissionais que preparariam as normas contábeis em nível governamental, influenciando, assim, as empresas menores, incluindo legisladores e outros (SILVA, CARLI E PEREIRA, 1991, p. 32).

Após 1964, com a introdução das práticas efetuadas pelas escolas norte-americanas, devido a chegada das multinacionais no Brasil, surgiu em 1966 a Escola de Correção Monetária, em 1976 ocorreu a publicação da nova Lei das Sociedades por Ações e em 1995 a Lei nº 9.249 revogou a correção monetária das Demonstrações Contábeis (resultante da queda da inflação) (BUESA, 2010). “[...] mantendo a tradição, esta Lei incorpora normas e práticas contábeis das mais sadias, representando um dos maiores avanços para a área da Contabilidade, incorporando definitivamente as tendências da Escola Americana [...]” (SCHMIDT, 2000, p. 213).

Segundo relatos de Mattes, Dalongaro e Wesz (2018), a contabilidade no Brasil, infelizmente, era vista como um mecanismo de controle, arrecadação e

fiscalização de impostos por parte do governo, e não se apresentava com o objetivo de auxiliar na tomada de decisões das empresas.

### **2.3 A mulher no mercado de trabalho**

Desde os tempos primórdios, as funções são determinadas segundo o gênero. Os homens são os responsáveis pelas atividades objetivas, pelo sustento do lar, bem como, denominados e classificados como a parte mais forte das relações interpessoais. Já as mulheres, desde a sua infância são moldadas e preparadas para cuidar da casa, das tarefas domésticas, ensinadas a cuidar dos irmãos etc., ou seja, atividades subjetivas, “a divisão sexual do trabalho estrutura as relações de gênero na sociedade e estabelece uma divisão naturalizada das áreas reprodutivas atribuídas às mulheres e das áreas produtivas atribuídas aos homens” (THOME, 2012, p. 191).

Conforme citado por Moraes, 2004:

As mulheres, mesmo no século XIX, quando passavam da tutela dos pais para a dos maridos, tinham sob suas asas a formação dos filhos e a administração da casa. Se o poder constituído era dos homens, era ela quem fazia a transmissão de valores – fossem eles patriarcais ou não, por conta da imposição da sociedade – e decidia sobre a vida cotidiana. Aos homens cabia a supervisão geral e a administração dos bens. Por trás de um simples sim ao marido estavam escondidos muitos poréns (MORAES, 2004, p. 56).

A separação político-social sempre remeteu à sociedade que o homem de alguma maneira sempre foi considerado superior a mulher, a citação de Aristóteles corrobora com esta distinção “quanto ao sexo, a diferença é indelével: qualquer que seja a idade da mulher, o homem deve conservar sua superioridade” (ARISTÓTELES, 2006, p. 33), embora por vezes ele dizia apoiar a igualdade na busca por poder e conhecimento.

Partindo desse molde já preestabelecido pela cultura, a mulher teve sua introdução no mercado de trabalho tardia, tal inclusão surgiu através da Revolução Industrial, mais precisamente no período da I e II Guerra Mundial, onde os homens iam para os campos de batalhas e as mulheres foram para as fábricas em busca de sustento para sua sobrevivência e de sua família. Representavam uma mão de obra barata para as indústrias, e trabalhavam em condições precárias, jornadas longas de trabalho, salários indignos e sem os cuidados mínimos necessários para exercer suas ocupações (PINTO, 2007, p. 17). Somente em meados do século XX, sobre a origem da mulher no mercado de trabalho Probst (2003) diz:

A origem e evolução da mulher no mercado de trabalho se iniciaram com a primeira e segunda guerras mundiais em que as mulheres tiveram que assumir a posição dos homens no mercado de trabalho. Mas a guerra acabou e com ela a vida de muitos homens que lutaram pelo país. Alguns dos que sobreviveram ao conflito foram mutilados e impossibilitados de voltar ao trabalho. Foi nesse momento que as mulheres sentiram-se na obrigação de deixar a casa e os filhos para levar adiante os projetos e o trabalho que eram realizados pelos seus maridos. (PROBST, 2003, p. 2).

Na década de 1960, através dos diversos movimentos feministas, tais como, o surgimento da pílula anticoncepcional que de fato os papéis atribuídos à mulher tiveram transformações significativas. Com tais movimentos, a mulher adquiriu a autonomia na escolha de ter filhos e quando tê-los, e isso refletiu diretamente em uma mudança social, a mulher cada vez mais inserida no mercado de trabalho executando seu papel para além do contexto doméstico (BERTOLINI, 2002).

As mudanças efetuadas neste período foram importantes e de extrema relevância para a evolução da mulher no mercado de trabalho. De acordo com o Art. 6º da Constituição Federal de 1988, "são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição" (BRASIL, 1988). Com o direito à educação, a mulher passou a fazer parte de lugares e cargos antes exclusivos aos homens.

A partir do padrão preestabelecido pela sociedade, a mulher em sua vida adulta que opta por ingressar no mercado de trabalho, passa a confrontar todas essas barreiras que, por muitas vezes, limitam ou tornam mais dificultoso o seu crescimento e ascensão no âmbito profissional, que perpassam desde a complexa conciliação entre carreira profissional e vida familiar, até o insistente machismo, preconceito e discriminação contra a mulher.

No século XXI, a mulher mesmo qualificada para determinado cargo, enfrenta ambientes adversos, resistentes à sua presença, como se estivesse em um ambiente ao qual ela não é bem-vinda (Higa, 2016). A exemplo destas constatações, "Embora tenha se verificado mudanças importantes no mundo do trabalho, [...] os homens continuam ocupando os mais altos cargos e ganhando os maiores salários" (PEREIRA, SANTOS, BORGES, 2005). Ainda no que diz respeito à ocupação de mulheres em determinados cargos, Lombardi (2007) relata que:

Dependendo da profissão que escolheram, a discriminação contra a mulher tem se mostrado mais forte, como tem sido constatado em numerosos estudos e pesquisas. Em geral, essa discriminação não é explícita, o que torna mais difícil para as mulheres identificá-la e reagir a ela. Invariavelmente a discriminação parte dos homens, normalmente, dos colegas de profissão que estão no mesmo nível. Uma das causas é o receio de que a colega venha a competir com eles por melhores posições na empresa. A minimização desse problema começa primeiro pela conscientização de que ele existe. É muito comum as mulheres não se darem conta do processo de discriminação e reagirem trabalhando mais e mais, o que, por sua vez, alimentará a resistência dos colegas. Estão aí os ingredientes para o, atualmente, tão discutido assédio moral no trabalho. (LOMBARDI, 2007, p. 4).

O processo de capitalização e o desenvolvimento da economia associados ao progresso tecnológico desenfreado, refletiram em um aumento do custo de vida, isso culminou no crescimento da participação da mulher no mercado de trabalho para agregar na renda familiar (JESUS, RAMOS, ULBANERE, 2011). Embora todos esses acontecimentos tenham impulsionado a ascensão da mulher em sua carreira, além do respaldo e incentivo de leis trabalhistas, a maior dificuldade nos dias atuais é vencer os desafios diários muitas das vezes, velados, no meio de convívio. Mas uma coisa é certa, a inserção e o protagonismo da mulher no mercado de trabalho é



mais que necessário, é parte imprescindível para o desenvolvimento e evolução das relações humanas, conforme afirma Pinto (2007):

A mulher é um alvo particular dessas ondas de valorização coletiva destinada a eliminar desigualdades, e, conseqüentemente, a entregar à dignidade a plena regência das relações humanas. Por isso, vimo-la crescer, sem interregnos, tanto como um valor econômico do trabalho quanto como um valor individual na família e um valor social no concerto das nações (PINTO, 2007).

Em relação ao avanço da participação da mulher no mercado de trabalho no Brasil, pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019, na 2ª Edição das Estatísticas de Gênero - Indicadores Sociais das Mulheres no Brasil, fica evidente que alguns obstáculos ainda precisam ser superados. Segundo os dados levantados, no que se refere a taxa de participação no mercado de trabalho de pessoas com 15 (quinze) anos ou mais, a pesquisa aponta que dos homens 73,7% constituem o mercado de trabalho e, entre as mulheres, o percentual é de 54,5%, o que não inviabiliza que há um crescimento da participação da mulher. No que diz respeito à ocupação em cargos de gerência, a participação da mulher é ainda menor, representado somente 37,4%, enquanto os homens 62,6%. A pesquisa ainda trouxe o valor médio das horas semanais de trabalho, incluindo carga horária e afazeres domésticos, os homens somam 51,2 horas/semana e as mulheres 54,3 horas/semana.

À vista destas informações, as maiores adversidades e lutas travadas pelas mulheres, são aquelas encaradas diariamente em sua rotina. Como apontam estudos e pesquisas realizadas pelo IBGE, ainda é tímida a expansão da mulher no mercado de trabalho, pois o protagonismo ainda é dos homens. Embora as mulheres tenham preparo técnico e emocional no âmbito profissional, barreiras como a diferença salarial, o assédio moral e sexual, jornada entre trabalho, casa, filhos e estudos, ainda limitam um progresso expressivo, sem contar o avanço tímido e pouco enérgico na política.

#### **2.4 A mulher contabilista**

O crescimento da participação da figura feminina no mercado de trabalho brasileiro é notório na última década. Cada vez mais também aumenta a integração da mulher no ensino superior, em uma busca incansável pelo seu protagonismo e espaço, por meio do conhecimento, da capacitação e da competência. E para a mulher que exerce a profissão contábil o cenário não tem sido diferente:

[...] a participação da mulher no mercado de trabalho é cada vez maior e a classe contábil faz parte de todo esse desenvolvimento. Hoje, a mulher está adotando, cada vez mais, uma postura atuante, não apenas pelos seus próprios esforços, mas também pelas exigências do mundo moderno, que obrigou os homens a abrirem mão de sua atitude dominadora e caminharem para uma parceria necessária e enriquecedora (BORDIN E LONDERO, 2006, p. 116).

A Comissão de Estudos CRCRS Mulher afirma no livro Trajetória da Mulher Contabilista nos 70 anos do CRCRS que:

[...] Desvencilhando- -se de padrões históricos, a participação das mulheres na profissão contábil cresceu de modo expressivo desde 1946, quando o Decreto-Lei nº 9.295, de 27 de maio, criou o Conselho Federal de Contabilidade (CFC) e os Conselhos Regionais (CRCs). O primeiro passo foi dado no Rio de Janeiro, em 10 de junho de 1947, por Eny Pimenta de Moraes, a primeira mulher a obter o registro profissional no Brasil (TIGRE et al., 2019, p.6).

Como consequência da evolução da laboração da mulher contabilista e seu significativo destaque no mercado de trabalho, o Conselho Federal de Contabilidade (CFC), criou na década de 1990 a Comissão Nacional da Mulher Contabilista que organiza eventos para celebrar o empoderamento da representatividade feminina na profissão contábil. “Nestes encontros são estimulados debates de ideias e ações que possibilitem a evolução de suas carreiras e conscientizem as mulheres contabilistas de sua importância no mercado” (MOTA E SOUZA, 2012).

Diante da significativa participação da mulher na contabilidade, em 1991 foi criado pelo CFC, o “Projeto Mulher Contabilista”, tendo como objetivo promover e aprimorar o papel das mulheres contabilistas perante a sociedade, além de impulsioná-las ao empreendedorismo e à atualização profissional. Atendendo a esse projeto, aconteceu no Rio de Janeiro, em 1991, o I Encontro Nacional da Mulher Contabilista, juntamente com a 43ª Convenção dos Contabilistas do Estado do Rio de Janeiro (MOTA E SOUZA, 2012).

O IV Encontro da Mulher Contabilista, que ocorreu em 2003, em Belo Horizonte (MG), foi um marco para a contabilidade brasileira, foi quando percebeu-se a importância e a necessidade da realização do evento, e ficou definida a sua execução a cada dois anos. Nesses encontros, são discutidos tópicos como desigualdade salarial, competitividade, jornada múltipla e desafios da profissão.

Segundo dados do IBGE, Estatísticas de Gênero, há sim um crescimento da participação feminina no mercado de trabalho. Isso pode ser reflexo também das crises financeiras enfrentadas pelas famílias brasileiras, ocasionando na colocação da mulher no mercado de trabalho para sustentar a família. Infelizmente, essa expansão não é necessariamente de maneira qualitativa, devido a presente desigualdade sexual e desigualdade racial, sem falar na resistência sofrida por aquelas que optam pelo ramo empreendedor.

A mulher contabilista, assim como, a mulher de qualquer outra profissão enfrenta diariamente barreiras quanto a sua evolução e desenvolvimento, mas continua em franco avanço e tem conquistado seu lugar, através de sua qualificação e dedicação, como informa Monteiro:

“A mulher contábil vem conquistando seu espaço na sociedade. Os papéis que eram desempenhados exclusivamente por homens, hoje, são realizados com a mesma eficiência por mulheres que lutam pela manutenção de seus direitos [...]” (MONTEIRO, 2003).

A profissão contábil ainda que prevaleça atualmente, a predominância do sexo masculino, continua a despertar o interesse das mulheres, pois é uma profissão que possibilita inúmeras oportunidades tanto no âmbito privado, como também no público, além de propiciar a flexibilização de trabalhar em casa e empreender.

A mulher no setor contábil tem se destacado no seu cotidiano por suas habilidades diferenciadas e domínio sobre variadas tarefas simultâneas, tem revelado a sua aptidão em exercer a profissão, “tem a capacidade de compreender diversas situações do dia a dia, resolver conflitos, sendo ainda constante, organizada e detalhista, demonstrando um melhor preparo para exercer o relacionamento com o cliente” (TONETTO, 2012, p. 92).

De acordo com Nilva Amália Pasetto, coordenadora da Comissão Nacional da Mulher Contabilista, cerca de 224 mil é o número de mulheres com registro no Sistema CFC/CRCs, o que corresponde a 43% do total de profissionais de contabilidade registrados. Nas eleições ocorridas em outubro de 2017, dos 27 Conselhos Regionais, pela primeira vez na história, neste ato, sete Conselhos elegeram mulheres como presidentes, sendo estes, o Conselho Regional de Contabilidade de Minas Gerais (CRCMG), o Conselho Regional de Contabilidade do Mato Grosso do Sul (CRCMS), o Conselho Regional de Contabilidade do Pará (CRCPA), o Conselho Regional de Contabilidade de Pernambuco (CRCPB), o Conselho Regional de Contabilidade de Roraima (CRCRR), o Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul (CRCRS) e o Conselho Regional de Contabilidade de São Paulo (CRCSP) (CFC, 2018). Nilva, ainda enfatiza a importância da criação dessa Comissão:

Com a devida valorização da equidade entre os gêneros, o Conselho Federal de Contabilidade instituiu a Comissão Gestora Nacional do CFC Mulher Contabilista, visando a implementação de ações para ampliar a participação da mulher profissional no cenário contábil, na política e na sociedade. A comissão busca desenvolver as lideranças femininas nas empresas, nas entidades e no ambiente de negócios, com foco no empreendedorismo e participação política das mulheres. Abrir caminhos para as contabilistas nas organizações por meio de processo de formação de líderes e encorajamento pessoal. Dar oportunidade para as mulheres discutirem seu papel, como protagonistas, das causas que contribuam para a transformação da sociedade, num ambiente mais humano, participativo, colaborativo e solidário. O CFC Mulher está presente em todos os estados da federação e Distrito Federal, através de comissões coordenadas por profissionais líderes, empreendedoras, envolvidas com as questões da classe e conectadas com a comunidade das suas regiões. O percurso é longo, mas acreditamos na força, na busca constante pelo crescimento e a afirmação de nova posição da mulher contabilista, que tem contribuído de forma ímpar, para a justa valorização da ciência contábil, com a devida equidade de gêneros (CFC, 2021).

Apesar do incontestável progresso, a mulher contabilista ainda precisa vencer alguns empecilhos no meio profissional, tais como, diferença salarial, reduzida participação em cargos gerenciais, espaço retraído na política, conciliação entre maternidade e trabalho, preconceitos etc. Por mais sucesso profissional que a mulher conquiste, as atividades do lar são atribuídas diretamente a ela. Apenas aumentaram as suas obrigações, desdobrando-se entre trabalho e família, nos papéis de profissional, esposa, mãe e dona de casa (MOTA E SOUZA, 2012).

Mesmo com a evolução e todas as vitórias vivenciadas pelas mulheres, diversos desafios e dificuldades ainda são encontrados. Mesmo com diversas posições de destaque no mercado laboral, a mulher não deixou de ser responsabilizada pelas tarefas domésticas ou outras

consideradas socialmente como inerentes a estas. A busca pelos direitos e posteriormente por sua efetivação é constante por parte das mulheres, de modo a garantir efetivamente a igualdade garantida pela Constituição Federal de 1988 (SILVA E GOMES, 2021, p. 8).

Tonetto (2012) afirma que a profissão contábil vem passando por transformações, e a mulher é responsável por parte dessas modificações, a figura feminina tem rompido com padrões socioculturais e afirmado a sua competência para exercer tal profissão.

As conquistas alcançadas até aqui foram essenciais para que a mulher pudesse adentrar cada vez mais na profissão contábil. Em 2003, com a aprovação da Resolução do Conselho Federal de Contabilidade (CFC) nº 971/03, a qual passou a assegurar uma retenção de no mínimo 20% das vagas para cada sexo nas chapas eleitorais tanto do CFC quanto dos Conselhos Regionais de Contabilidade (CRCs), tornando-se um marco de extrema relevância para o aumento da participação das mulheres em cargos de presidência (RAMOS, 2018).

No quadro 1 a seguir, é possível evidenciar a relação de todas as participações de mulheres como presidentes na história dos Conselhos Regionais de Contabilidade no Brasil. Percebe-se que após tal Resolução, o número de mulheres que assumiram as presidências dos CRCs aumentou consideravelmente.

Quadro 1 - Presidentes Mulheres nos Conselhos Regionais de Contabilidade no Brasil

REGIÃO	CRC	MANDATO	PRESIDENTE	PRESIDENTE (2021)
N O R T E	CRCAC			Wellington Divino Chaves de Souza
	CRCAM	2004-2005; 2006-2007	Lucilene Florêncio Viana	Joseny Gusmão da Silva
		2012-2013	Jeanne Carmen Ramos Luzeiro	
		2014-2015	Edna Maria de Oliveira Dinelli	
	CRCAP	2002-2003; 2004-2005	Maria Angélica Corte Pimentel	Tanúbia Neuza de Oliveira Barbosa
		2006-2007; 2008-2009	Marilene Cardoso do Nascimento	
		2020-Atual	Tanúbia Neuza de Oliveira Barbosa	
	CRCPA	2016-2017	Maria de Fátima C. Vasconcelos	Fabrício do Nascimento Moreira
		2018-2019	Ticiane Lima dos Santos	
	CRCRO	2014-2015	Vilma Fátima Mendes	Joelso Tavares de Andrade
CRCRR	2018-Atual	Palmira Leão de Souza	Palmira Leão de Souza	
CRCTO	2010-2011; 2012-2013	Vânia Labres da Silva	João Gonçalo dos Santos	
N O R D E S	CRCAL	1998-2001	Maria Clara Cavalcante Bugarim	José Vieira dos Santos
	CRCBA	2008-2009; 2010-2011	Maria Constança Carneiro Galvão	Antônio Carlos Ribeiro da Silva
	CRCCE	2016-2017	Clara Germana Rocha	Robinson de Castro

T E	CRCMA	1998-1999; 2000-2001	Eulália das Neves Ferreira	Sérgio Murilo Cruz de Oliveira
	CRCPB	2018-2019	Vilma Pereira de Souza Silva	Brunno Sitônio Fialho de Oliveira
	CRCPE	2020-Atual	Maria Dorgivânia Arraes Barbará	Maria Dorgivânia Arraes Barbará
	CRCPI	2020-Atual	Regina Cláudia Soares do Rêgo Pacheco	Regina Cláudia Soares do Rêgo Pacheco
	CRCRN	2000-2001; 2002-2003	Jucileide Ferreira Leitão	
		2006-2009	Maria do Rosário de Oliveira	Erivan Ferreira Borges
CRCSE	2014-2015; 2016-2017	Ângela Andrade Dantas Mendonça	Vanderson da Silva Mélo	
C E N T R O - O E S T E	CRCDF	2014-2015	Sandra Maria Batista	Daniel Chaves Fernandes
	CRCGO	2004-2005	Luci Melita Vaz	Rangel Francisco Pinto
	CRCMS	2018-2019	Iara Sônia Marchioretto	
		2020-Atual	Maria Leny Adania de Sylos	Maria Leny Adania de Sylos
	CRCMT	1959-1960	Elizabeth Kolhase Ribeiro	
		1984-1985	Luzia Guimarães	
1997-1997		Delza Teixeira Lena		
2000-2001; 2002-2003; 2014-2015; 2016-2017		Sílvia Mara Leite Cavalcante	Paulo César Santos Rühling	
S U D E S T E	CRCES	1971-1972; 1973-1974	Lyra de Souza Macedo	
		2012-2013	Cristina Amália Fontes Langoni	
		2020-Atual	Carla Cristina Tasso	Carla Cristina Tasso
	CRCMG	2018-Atual	Rosa Maria Abreu Barros	Rosa Maria Abreu Barros
	CRCRJ	2010-2013	Diva Maria de Oliveira Gesualdi	
		2014-2015; 2016-2017	Vitória Maria da Silva	Samir Ferreira Barbosa Nehme
CRCSP	1994-1994	Célia Regina de Castro		
	2018-2019	Márcia Ruiz Alcazar	José Donizete Valentina	
S U L	CRCPR	2012-2015	Lucélia Lecheta	Laudelino Jochem
	CRCSC	2020-Atual	Rúbia Albers Magalhães	Rúbia Albers Magalhães
	CRCRS	2018-Atual	Ana Tércia Lopes Rodrigues	Ana Tércia Lopes Rodrigues

Fonte: Ramos, 2018, e, atualizada pela autora a partir dos Conselhos Regionais de Contabilidade em 2021.

As informações do quadro 1 foram coletadas antes das eleições realizadas em novembro de 2021 dos CRCs do Brasil. Nele nota-se que a primeira mulher eleita presidente foi a contadora Elizabeth Kolhase Ribeiro, do Conselho Regional de Contabilidade do Mato Grosso (CRCMT), no período de 1959 a 1960. Já a

contadora Sílvia Mara Leite Cavalcante, não pode deixar de ser citada, pois foi a mulher que por mais tempo presidiu um Conselho Contábil, de 2000 a 2001; de 2002 a 2003; de 2014 a 2015; e de 2016 a 2017, ao todo, 8 anos à frente do Conselho Regional de Contabilidade do Mato Grosso (CRCMT). O Conselho Regional de Contabilidade do Mato Grosso (CRCMT), merece um destaque à parte, pois de todos os Conselhos Regionais, foi o que por mais tempo teve mulheres como representantes de sua presidência.

Outro fato importante a destacar é que dentre todos os Conselhos, apenas o Conselho Regional de Contabilidade do Acre (CRCAC) ainda não teve uma mulher como presidente. Atualmente, dos 27 Conselhos Regionais, 10 são presididos, por uma mulher, são eles: Conselho Regional de Contabilidade do Amazonas (CRCAM); Conselho Regional de Contabilidade do Amapá (CRCAP); Conselho Regional de Contabilidade de Roraima (CRCRR); Conselho Regional de Contabilidade de Pernambuco (CRCPE); Conselho Regional de Contabilidade do Piauí (CRCPI); Conselho Regional de Contabilidade do Mato Grosso do Sul (CRCMS); Conselho Regional de Contabilidade do Espírito Santo (CRCES); Conselho Regional de Contabilidade de Minas Gerais (CRCMG); Conselho Regional de Contabilidade de Santa Catarina (CRCSC); e o Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul (CRCRS). E vale ressaltar o feito realizado em 2006, pela contadora Maria Clara Cavalcante Bugarim, onde a mesma tomou em posse a presidência do Conselho Federal de Contabilidade do Brasil, sendo a primeira mulher a conseguir tal feito após 60 anos de existência do CFC ao qual presidiu de 2006 a 2009.

Mesmo que as pesquisas apontem que os cargos de gerência em sua maioria são ocupados por homens, na contabilidade há sim uma evolução, esse avanço da participação da mulher na classe contábil colabora não somente para a área contábil, mas também para as mulheres de todos os âmbitos profissionais, empoderando as que buscam o seu espaço no mercado de trabalho, como também a independência do estereótipo na sociedade. Como diz a presidente do Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul, Ana Tércia:

Importância do papel da mulher no cenário contábil. O momento que estamos vivenciando na Contabilidade em termos de protagonismo feminino, reflete a realidade da mulher na política nacional e mundial. Embora em número expressivo no mercado, ainda somos poucas na liderança empresarial e política. Por isso, entendo como altamente relevante a chegada de mais mulheres à presidência dos Conselhos de Contabilidade e de outras entidades empresariais. Precisamos gerar informação e cases de sucesso que desmistifiquem os "fantasmas" que rondam a chegada de uma mulher aos altos escalões das organizações. Nosso desafio é mostrar a competência, habilidade de liderar e empreender, não pelo fato de ser mulher, mas pelo fato de estudarmos, termos experiências e estarmos preparadas para os desafios. Somos tão capazes quanto qualquer profissional; só precisamos acreditar. Não se trata de competição, mas, sim, de senso de oportunidade. Sentir-se capaz é o primeiro passo. Autorizar-se ao sucesso. O protagonismo não se ganha de presente, conquista-se na árdua batalha da intelectualidade e da capacidade de fazer mais e melhor (CFC, 2018).

Na live realizada pelo Conselho Federal de Contabilidade (CFC), em 18 de agosto de 2020, que trouxe como tema "A mulher como protagonista na gestão e no comportamento dos novos tempos", as contadoras disseram: "Nós somos

essenciais” (CFC, 2020). Essa afirmação deixa claro que a mulher contabilista já está tomando consciência de seu papel e importância no mercado atuante e de sua influência nas transformações socioculturais, passando de coadjuvante para protagonista de sua história.

### 3 METODOLOGIA

Neste tópico serão retratados os procedimentos metodológicos utilizados para a realização da pesquisa. Para atingir os objetivos propostos no presente artigo, empregou-se a pesquisa de caráter exploratório, descritivo, qualitativo por meio de revisão bibliográfica em livros, revistas, periódicos e artigos científicos disponíveis em bases fidedignas, como Google Acadêmico, Scielo, CAPES e Repositório Digital UFRGS (LUME). Além, do levantamento de dados quantitativos em sites como do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Conselho Federal de Contabilidade (CFC) e Conselhos Regionais de Contabilidade (CRCs). E para a compilação desses dados, foram elaborados pela autora tabelas e gráficos no Microsoft Office Excel.

Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica desenvolve-se mediante material já existente, ou seja, em bases já elaboradas por outros autores, em sua maioria compostas por livros e artigos científicos, aconselhando a não utilização de materiais procedentes da Internet. Amaral (2007) ainda define pesquisa bibliográfica como:

[...] uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, na medida em que der o embasamento teórico em que se baseará o trabalho. Consistem no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa (AMARAL, 2007, p. 1).

Tratando-se de pesquisa qualitativa Minayo, 1994, afirma que:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO et al., 1994, p. 21-22).

De acordo com Fonseca (2002, p. 20), a pesquisa quantitativa difere-se e muito da qualitativa, mas a combinação de ambas, torna a investigação mais completa e detalhada:

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos com o auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa

permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente (FONSECA, 2002, p. 20).

A seguir, no Quadro 1, é possível verificar tais diferenças entre os aspectos dos dois tipos de pesquisa (qualitativa e quantitativa) apontados por Fonseca (2002), mas também como uma fonte complementar a outra se utilizadas conjuntamente.

Figura 1 - Comparação entre as particularidades da pesquisa qualitativa e quantitativa

<b>Aspecto</b>	<b>Pesquisa Quantitativa</b>	<b>Pesquisa Qualitativa</b>
Enfoque na interpretação do objeto	Menor	Maior
Importância do contexto do objeto pesquisado	Menor	Maior
Proximidade do pesquisador em relação aos fenômenos estudados	Menor	Maior
Alcance do estudo no tempo	Instantâneo	Intervalo maior
Quantidade de fontes de dados	Uma	Várias
Ponto de vista do pesquisador	externo à organização	interno à organização
Quadro teórico e hipóteses	definidas rigorosamente	menos estruturadas

Fonte: Fonseca, 2002, p.21.

Sendo assim, tanto para a análise realizada de maneira qualitativa quanto quantitativa, foram utilizados como instrumentos de pesquisa, a equidade de gênero, a contabilidade brasileira, a mulher no mercado de trabalho e a mulher contabilista.

#### **4 ANÁLISE DE DADOS**

Nesta seção, serão apresentados os resultados da pesquisa tanto de caráter quantitativo quanto qualitativo, expressos através de tabelas, gráficos e interpretações dos dados contidos nos mesmos, além disso, a resposta da resolução do problema que consiste tal pesquisa.

Como mencionado anteriormente, o objetivo do presente artigo é demonstrar de maneira quantitativa e qualitativa a evolução da atuação da mulher contabilista no Brasil, e responder a questão problema que é: "Existe um crescimento da participação da mulher na profissão contábil no Brasil?". Para tanto, tomou-se como base os dados atualizados coletados no site do Conselho Federal de Contabilidade (CFC) e dos Conselhos Regionais de Contabilidade (CRCs), os quais apresentam os números de profissionais registrados como contadores e técnicos do sexo feminino e masculino por região do Brasil.

A tabela 1 a seguir, demonstra todos os profissionais registrados nos Conselhos Regionais da Região Norte do Brasil. Analisando a tabela, constata-se que a maior participação das mulheres contabilistas (contadoras e técnicas), é no estado do Pará, total de 6.113 registros, o que equivale a 39,90% do total de mulheres contabilistas da Região Norte. Seguindo do Amazonas, que apresenta 3.795 registros, isto é, representa 24,77% do total de profissionais do sexo feminino



de toda a Região. Já o Acre, Roraima e Amapá, são os estados com menor atuação de mulheres contabilistas, sendo 621 (4,05%), 641 (4,18%) e 742 (4,84%) o número de registros, respectivamente.

Um dado interessante, é que de todas as regiões do Brasil, somente os estados do Amazonas, Roraima e Pará, as mulheres contabilistas são em maior número que os homens, configurando, nessa ordem, 51,83%, 50,75% e 50,14% do total dos profissionais registrados.

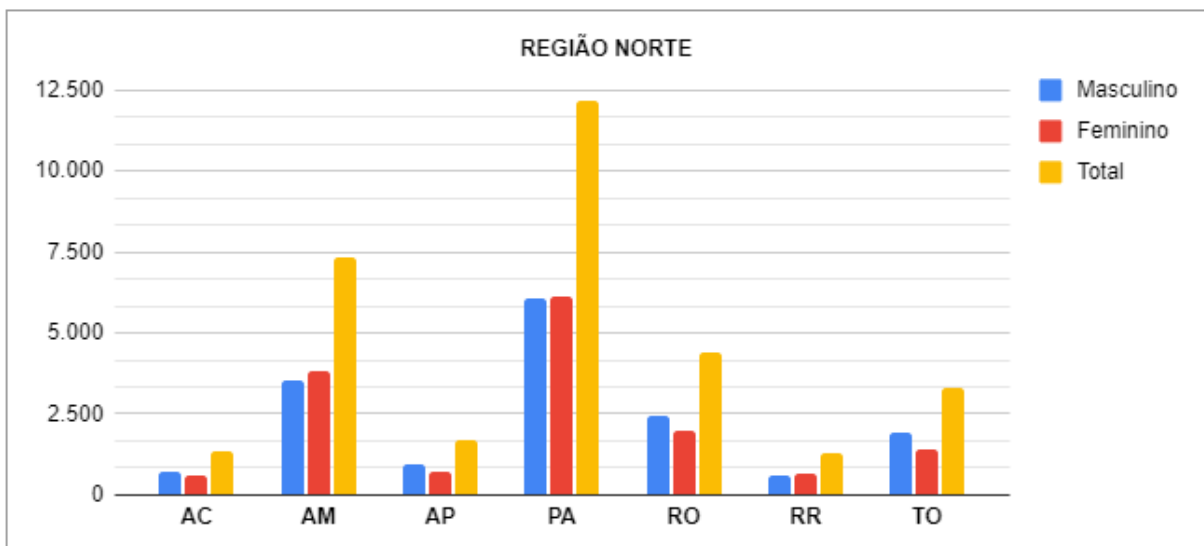
Tabela 1 - Profissionais Ativos nos Conselhos Regionais de Contabilidade da Região Norte do Brasil agrupados por Gênero

Estado	REGIÃO NORTE												Total		
	Masculino						Feminino						Total	% Na Região	% Brasil
	Contador	%	Técnico	%	SubTotal	%	Contador	%	Técnico	%	SubTotal	%			
AC	530	39,32	197	14,61	727	53,93	522	38,72	99	7,34	621	46,07	1.348	4,27	0,26
AM	2.439	33,31	1.088	14,86	3.527	48,17	3.072	41,96	723	9,87	3.795	51,83	7.322	23,22	1,40
AP	700	41,94	227	13,60	927	55,54	636	38,11	106	6,35	742	44,46	1.669	5,29	0,32
PA	4.821	39,54	1.259	10,33	6.080	49,86	5.382	44,14	731	6,00	6.113	50,14	12.193	38,67	2,34
RO	1.794	40,71	621	14,09	2.415	54,80	1.699	38,55	293	6,65	1.992	45,20	4.407	13,98	0,84
RR	502	39,75	120	9,50	622	49,25	569	45,05	72	5,70	641	50,75	1.263	4,01	0,24
TO	1.541	46,25	373	11,19	1.914	57,44	1.238	37,15	180	5,40	1.418	42,56	3.332	10,57	0,64
<b>Total</b>	<b>12.327</b>	<b>39,09</b>	<b>3.885</b>	<b>12,32</b>	<b>16.212</b>	<b>51,41</b>	<b>13.118</b>	<b>41,60</b>	<b>2.204</b>	<b>6,99</b>	<b>15.322</b>	<b>48,59</b>	<b>31.534</b>	<b>100,00</b>	<b>6,04</b>

Fonte: CFC, 2021.

O Gráfico 1 a seguir apresenta de forma objetiva as informações contidas na tabela 1, ficando mais fácil a percepção das diferenças entre os estados da Região Norte.

Gráfico 1 - Comparativo por Gênero dos Profissionais Ativos nos Conselhos Regionais de Contabilidade da Região Norte do Brasil



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do CFC, 2021.

Ao observar o gráfico 1, fica explícito que no estado do Pará concentra-se a maior parte das mulheres profissionais de contabilidade, seguido do Amazonas. E que o Acre, Roraima e Amapá, possuem a menor representatividade de mulheres. Levando em consideração o total de homens e mulheres registrados em cada

estado, Pará é o que expressa menor diferença, e Tocantins a maior disparidade entre os gêneros.

Tabela 2 - Profissionais Ativos nos Conselhos Regionais de Contabilidade da Região Nordeste do Brasil agrupados por Gênero

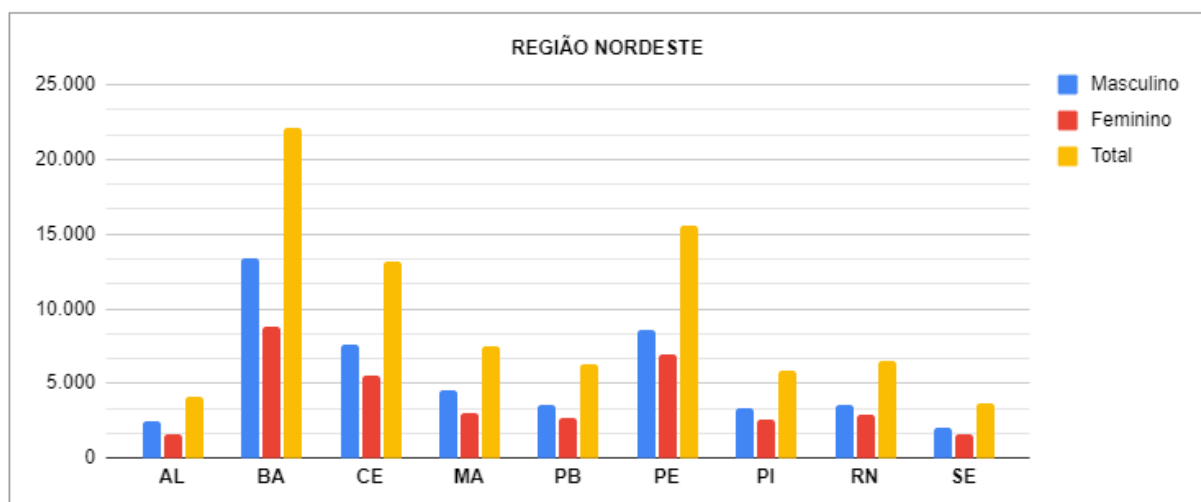
REGIÃO NORDESTE															
Estado	Masculino						Feminino						Total		
	Contador	%	Técnico	%	SubTotal	%	Contador	%	Técnico	%	SubTotal	%	Total	% Na Região	% Brasil
AL	1.712	41,93	751	18,39	2.463	60,32	1.320	32,33	300	7,35	1.620	39,68	4.083	4,81	0,78
BA	8.944	40,36	4.420	19,95	13.364	60,31	6.801	30,69	1.993	8,99	8.794	39,69	22.158	26,12	4,24
CE	5.172	39,13	2.471	18,69	7.643	57,82	4.153	31,42	1.423	10,76	5.576	42,18	13.219	15,58	2,53
MA	3.152	42,06	1.372	18,31	4.524	60,37	2.333	31,13	637	8,50	2.970	39,63	7.494	8,83	1,44
PB	2.577	41,22	980	15,68	3.557	56,89	2.088	33,40	607	9,71	2.695	43,11	6.252	7,37	1,20
PE	5.369	34,49	3.256	20,91	8.625	55,40	4.611	29,62	2.333	14,98	6.944	44,60	15.569	18,35	2,98
PI	2.620	44,69	697	11,89	3.317	56,58	2.149	36,66	396	6,76	2.545	43,42	5.862	6,91	1,12
RN	2.877	44,02	712	10,90	3.589	54,92	2.580	39,48	366	5,60	2.946	45,08	6.535	7,70	1,25
SE	1.364	37,22	704	19,21	2.068	56,43	1.231	33,59	366	9,99	1.597	43,57	3.665	4,32	0,70
<b>Total</b>	<b>33.787</b>	<b>39,83</b>	<b>15.363</b>	<b>18,11</b>	<b>49.150</b>	<b>57,93</b>	<b>27.266</b>	<b>32,14</b>	<b>8.421</b>	<b>9,93</b>	<b>35.687</b>	<b>42,07</b>	<b>84.837</b>	<b>100,00</b>	<b>16,25</b>

Fonte: CFC, 2021.

Na tabela 2, apresentada anteriormente, estão enumerados todos os profissionais, incluindo homens e mulheres, registrados nos Conselhos Regionais da Região Nordeste do Brasil. A Bahia é o Estado com maior laboração de mulheres na contabilidade (contadoras e técnicas), com 8.794 registros, ou seja, 24,64% do total da Região Nordeste. Em segundo lugar, Pernambuco, integralizando 6.944 registros, totalizando 19,46% da Região, e em terceiro, Ceará que também detém um número significativo se comparado aos outros estados da Região, 5.576 registros, isto é, 15,62%. Alagoas e Sergipe são os estados que possuem as menores representatividades, com 1.620 (4,54%) e 1.597 (4,48%) registros, respectivamente.

O gráfico 2, mostra essa análise bem objetiva, indicando que o maior número de profissionais entre contadoras e técnicas registradas encontra-se na Bahia, Pernambuco e Ceará, e o menor, Alagoas e Sergipe. E quando a análise é sob a ótica do total de profissionais ativos (homens e mulheres), o Rio Grande do Norte é o que traz a menor diferença, e os estados da Bahia, Alagoas e Maranhão, a maior.

Gráfico 2 - Comparativo por Gênero dos Profissionais Ativos nos Conselhos Regionais de Contabilidade da Região Nordeste do Brasil



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do CFC, 2021.

A seguir na Tabela 3, contém o número de profissionais registrados nos estados presentes na Região Centro-Oeste do Brasil. É possível identificar que dos 4 estados, o Distrito Federal é o que apresenta o maior número de profissionais (contadoras e técnicas) do sexo feminino, totalizando 5.619 (31,53%), e, Mato Grosso do Sul o que apresenta o menor número de registros, 3.254 (18,26%). Pode-se observar também, que não há um grande desequilíbrio entre os estados quanto ao número total de mulheres registradas.

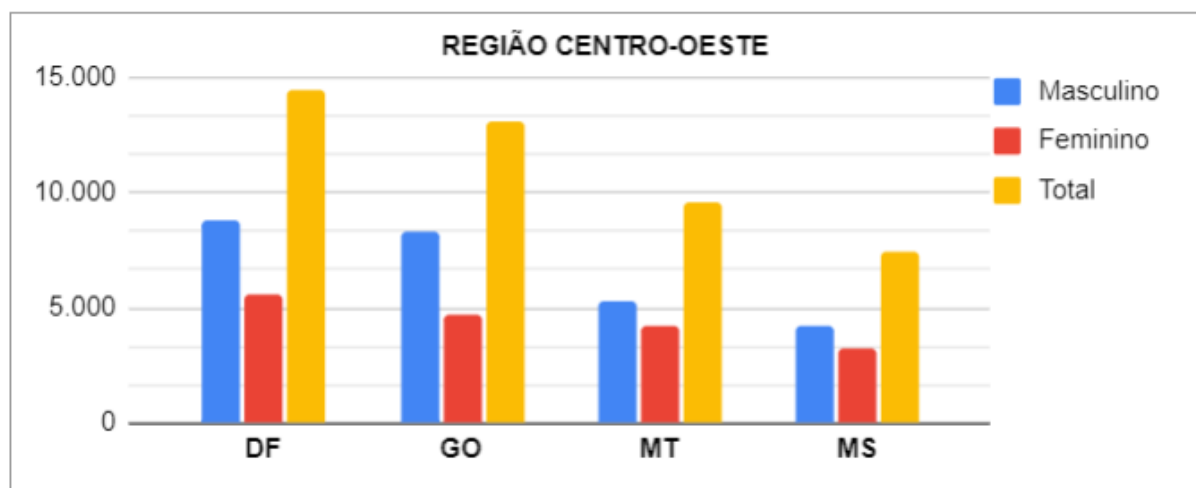
Tabela 3 - Profissionais Ativos nos Conselhos Regionais de Contabilidade da Região Centro-Oeste do Brasil agrupados por Gênero

REGIÃO CENTRO-OESTE															
Estado	Masculino					Feminino					Total				
	Contador	%	Técnico	%	SubTotal	%	Contador	%	Técnico	%	SubTotal	%	Total	% Na Região	% Brasil
DF	6.155	42,72	2.633	18,28	8.788	61,00	4.229	29,35	1.390	9,65	5.619	39,00	14.407	32,40	2,76
GO	5.821	44,54	2.530	19,36	8.351	63,90	3.718	28,45	999	7,64	4.717	36,10	13.068	29,39	2,50
MT	4.101	42,95	1.218	12,76	5.319	55,70	3.793	39,72	437	4,58	4.230	44,30	9.549	21,47	1,83
MS	2.726	36,63	1.462	19,65	4.188	56,28	2.487	33,42	767	10,31	3.254	43,72	7.442	16,74	1,43
<b>Total</b>	<b>18.803</b>	<b>42,29</b>	<b>7.843</b>	<b>17,64</b>	<b>26.646</b>	<b>59,92</b>	<b>14.227</b>	<b>32,00</b>	<b>3.593</b>	<b>8,08</b>	<b>17.820</b>	<b>40,08</b>	<b>44.466</b>	<b>100,00</b>	<b>8,52</b>

Fonte: CFC, 2021.

Ao observar o gráfico 3, fica evidente, que o maior número de mulheres registradas encontra-se no Distrito Federal e, o menor, no Mato Grosso do Sul. Também é possível notar, que Mato Grosso é o estado que possui a menor diferença entre homens e mulheres registrados e, em Goiás, a maior desigualdade.

Gráfico 3 - Comparativo por Gênero dos Profissionais Ativos nos Conselhos Regionais de Contabilidade da Região Centro-Oeste do Brasil



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do CFC, 2021.

A tabela 4 refere-se a todos os profissionais de contabilidade com registro nos Conselhos Regionais da Região Sudeste do Brasil. Nela, é possível perceber que das mulheres contabilistas (contadoras e técnicas), registradas na Região Sudeste, mais da metade estão em São Paulo, 63.418 (55,11%). O restante divide-se entre

Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo, sendo esse último o com menor número de mulheres, 4.817, retratando 4,19% da Região em questão.

Um fato considerável é que, São Paulo é o Estado com maior participação de mulheres na área contábil do Brasil, resultando em 28,24% do total de mulheres contabilistas do país. Disparado é onde encontra-se a maior representatividade de mulheres da profissão contábil no Brasil.

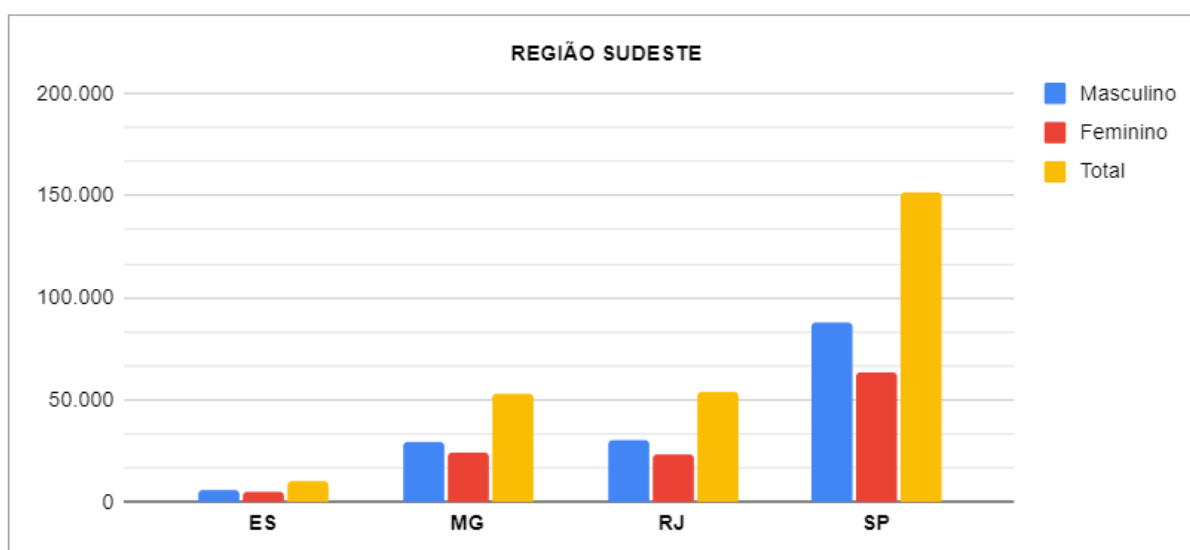
Tabela 4 - Profissionais Ativos nos Conselhos Regionais de Contabilidade da Região Sudeste do Brasil agrupados por Gênero

Estado	REGIÃO SUDESTE												Total		
	Masculino						Feminino								
	Contador	%	Técnico	%	SubTotal	%	Contador	%	Técnico	%	SubTotal	%	Total	% Na Região	% Brasil
<b>ES</b>	3.989	38,63	1.519	14,71	<b>5.508</b>	53,35	3.846	37,25	971	9,40	<b>4.817</b>	46,65	<b>10.325</b>	3,85	1,98
<b>MG</b>	16.860	31,84	12.252	23,14	<b>29.112</b>	54,98	16.696	31,53	7.142	13,49	<b>23.838</b>	45,02	<b>52.950</b>	19,73	10,14
<b>RJ</b>	20.103	37,44	10.579	19,70	<b>30.682</b>	57,14	16.719	31,14	6.291	11,72	<b>23.010</b>	42,86	<b>53.692</b>	20,00	10,28
<b>SP</b>	54.841	36,21	33.179	21,91	<b>88.020</b>	58,12	45.415	29,99	18.003	11,89	<b>63.418</b>	41,88	<b>151.438</b>	56,42	29,01
<b>Total</b>	<b>95.793</b>	<b>35,69</b>	<b>57.529</b>	<b>21,43</b>	<b>153.322</b>	<b>57,12</b>	<b>82.676</b>	<b>30,80</b>	<b>32.407</b>	<b>12,07</b>	<b>115.083</b>	<b>42,88</b>	<b>268.405</b>	<b>100,00</b>	<b>51,41</b>

Fonte: CFC, 2021.

A seguir, no gráfico 4, fica bem claro a assimetria entre os 4 estados. São Paulo com o maior número de mulheres registradas e, Espírito Santo contendo a menor participação do sexo feminino na contabilidade. Minas Gerais e Rio de Janeiro ficam mais próximos em termos de parcela de mulheres contabilistas. E em relação ao total de profissionais da área contábil, na Região, o Espírito Santo é o que apresenta menor diferença no número de homens e mulheres registrados e São Paulo, a maior.

Gráfico 4 - Comparativo por Gênero dos Profissionais Ativos nos Conselhos Regionais de Contabilidade da Região Sudeste do Brasil



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do CFC, 2021.

Ao verificar a tabela 5 a seguir, onde são percorridos todos os registros, tanto do sexo feminino quanto do masculino, dos profissionais de contabilidade da Região Sul do Brasil, pode-se averiguar que a participação mais significativa das mulheres é no Rio Grande do Sul, onde as mulheres registradas (contadoras e técnicas) são

18.495, o que representa 45,51% das mulheres registradas em toda Região Sul. Já Santa Catarina é o estado com a menor expressão, 9.235 (22,72%) mulheres registradas, um pouco menos da metade do número presente no Rio Grande do Sul.

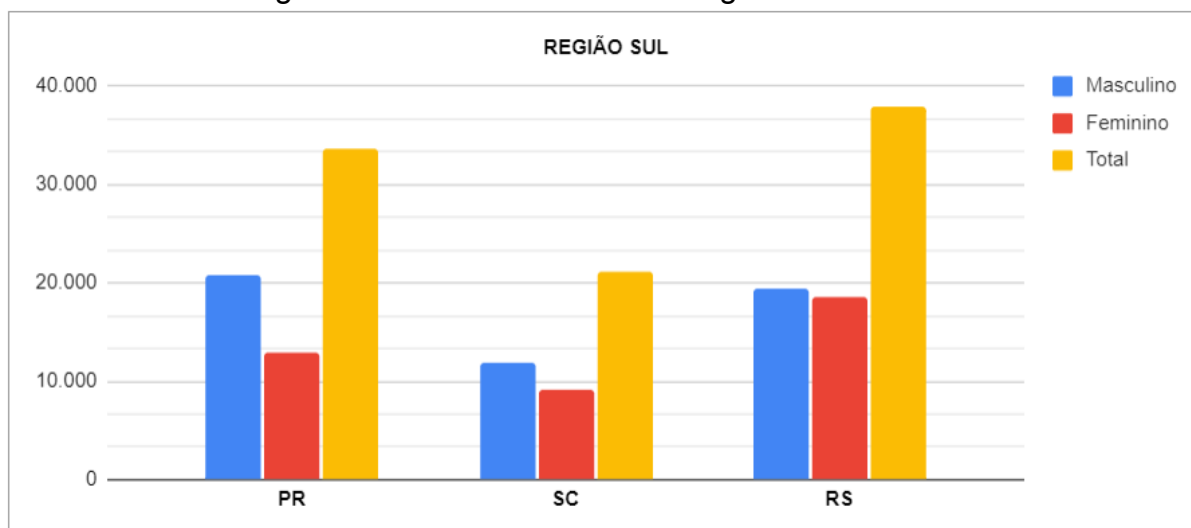
Tabela 5 - Profissionais Ativos nos Conselhos Regionais de Contabilidade da Região Sul do Brasil agrupados por Gênero

REGIÃO SUL															
Estado	Masculino						Feminino						Total		
	Contador	%	Técnico	%	SubTotal	%	Contador	%	Técnico	%	SubTotal	%	Total	% Na Região	% Brasil
PR	15.073	44,79	5.664	16,83	20.737	61,63	10.739	31,91	2.173	6,46	12.912	38,37	33.649	36,25	6,45
SC	9.096	42,88	2.884	13,59	11.980	56,47	8.172	38,52	1.063	5,01	9.235	43,53	21.215	22,85	4,06
RS	12.345	32,52	7.122	18,76	19.467	51,28	12.989	34,22	5.506	14,50	18.495	48,72	37.962	40,90	7,27
<b>Total</b>	<b>36.514</b>	<b>39,34</b>	<b>15.670</b>	<b>16,88</b>	<b>52.184</b>	<b>56,22</b>	<b>31.900</b>	<b>34,37</b>	<b>8.742</b>	<b>9,42</b>	<b>40.642</b>	<b>43,78</b>	<b>92.826</b>	<b>100,00</b>	<b>17,78</b>

Fonte: CFC, 2021.

No gráfico 5 que segue, fica mais perceptível as observações feitas anteriormente, que de fato o Rio Grande do Sul é o estado com maior participação feminina na Região Sul, e, também, o que tem menor disparidade entre homens e mulheres registrados. O Estado de Santa Catarina, contém o menor número de profissionais mulheres da Região e, Paraná o que apresenta a maior diferença entre homens e mulheres registrados.

Gráfico 5 - Comparativo por Gênero dos Profissionais Ativos nos Conselhos Regionais de Contabilidade da Região Sul do Brasil



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do CFC, 2021.

De acordo com a pesquisa realizada no site do CFC, em 19 de novembro de 2021, nos Dados Estatísticos, o número de profissionais de contabilidade registrados, somando contadores e técnicos no Brasil, correspondia a 522.068 entre homens e mulheres, conforme tabela 6.

Como consta na tabela, a região Sudeste é a que apresenta o maior número de mulheres registradas (contadoras e técnicas), 115.083, o que representa cerca de 51,25% do total de mulheres profissionais de contabilidade do Brasil, ou seja, um pouco mais da metade de todas as profissionais do país encontram-se nesta região.

O restante fica dividido entre as regiões Sul, Nordeste, Centro-Oeste e Norte, correspondendo, respectivamente, a 18,10%, 15,89%, 7,94% e 6,82%.

Ao analisar a participação das mulheres em relação aos homens em cada região, o percentual de mulheres em cada uma delas é superior a 40%. Na região Norte as mulheres contabilizam 48,59% do total dos profissionais registrados, sendo a região em que a diferença entre homens e mulheres registrados é a menor. A maior diferença encontra-se na região Centro-Oeste, onde do total de profissionais, as mulheres representam 40,08%. Nas outras 3 regiões (Sul, Sudeste e Nordeste), o número de mulheres em relação aos homens não varia muito, 43,78%, 42,88%, 42,07%, respectivamente.

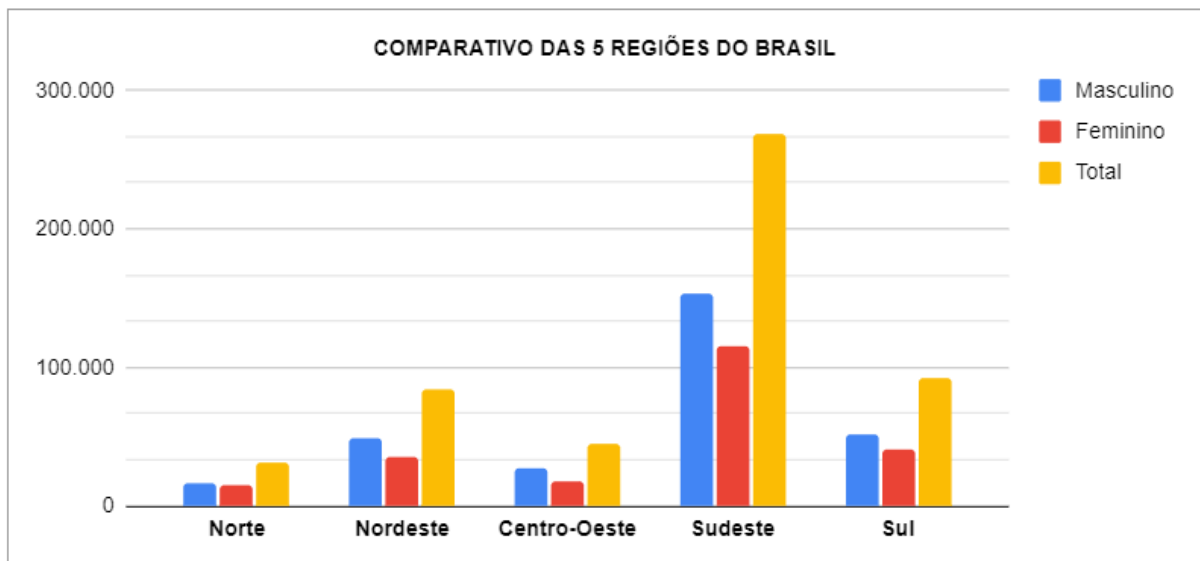
Tabela 6 - Profissionais Ativos nos Conselhos Regionais de Contabilidade do Brasil agrupados por Gênero

BRASIL															
Região	Masculino						Feminino						Total		
	Contador	%	Técnico	%	SubTotal	%	Contador	%	Técnico	%	SubTotal	%	Total	% Na Região	% Brasil
<b>Norte</b>	12.327	39,09	3.885	12,32	<b>16.212</b>	51,41	13.118	41,60	2.204	6,99	<b>15.322</b>	48,59	<b>31.534</b>	100,00	6,04
<b>Nordeste</b>	33.787	39,83	15.363	18,11	<b>49.150</b>	57,93	27.266	32,14	8.421	9,93	<b>35.687</b>	42,07	<b>84.837</b>	100,00	16,25
<b>Centro-Oeste</b>	18.803	42,29	7.843	17,64	<b>26.646</b>	59,92	14.227	32,00	3.593	8,08	<b>17.820</b>	40,08	<b>44.466</b>	100,00	8,52
<b>Sudeste</b>	95.793	35,69	57.529	21,43	<b>153.322</b>	57,12	82.676	30,80	32.407	12,07	<b>115.083</b>	42,88	<b>268.405</b>	100,00	51,41
<b>Sul</b>	36.514	39,34	15.670	16,88	<b>52.184</b>	56,22	31.900	34,37	8.742	9,42	<b>40.642</b>	43,78	<b>92.826</b>	100,00	17,78
<b>Total</b>	<b>197.224</b>	<b>37,78</b>	<b>100.290</b>	<b>19,21</b>	<b>297.514</b>	<b>56,99</b>	<b>169.187</b>	<b>32,41</b>	<b>55.367</b>	<b>10,61</b>	<b>224.554</b>	<b>43,01</b>	<b>522.068</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

Fonte: CFC, 2021.

No gráfico 6, logo a seguir, é possível observar nitidamente tal diferença entre as 5 regiões. Fica explícito que a maior participação das mulheres na profissão contábil se dá na região Sudeste e, que a menor presença, é nas regiões Centro-Oeste e Norte. A diferença dessas duas regiões com as 3 demais (Sudeste, Sul e Nordeste), é muito expressiva, principalmente, quando comparadas à região Sudeste. Tal ocorrência pode estar diretamente associada ao fato de que alguns estados dessas regiões apresentam, segundo bases do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Índice de Desenvolvimento Humano muito abaixo dos demais estados do Brasil, inclusive, em muitos desses estados o ensino superior é quase inacessível. Faz-se necessário, mais que motivação, é preciso ações e oportunidades por parte do governo, para que tal cenário seja modificado. Afinal, a educação faz parte dos direitos humanos garantidos pela Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988, Art. 205).

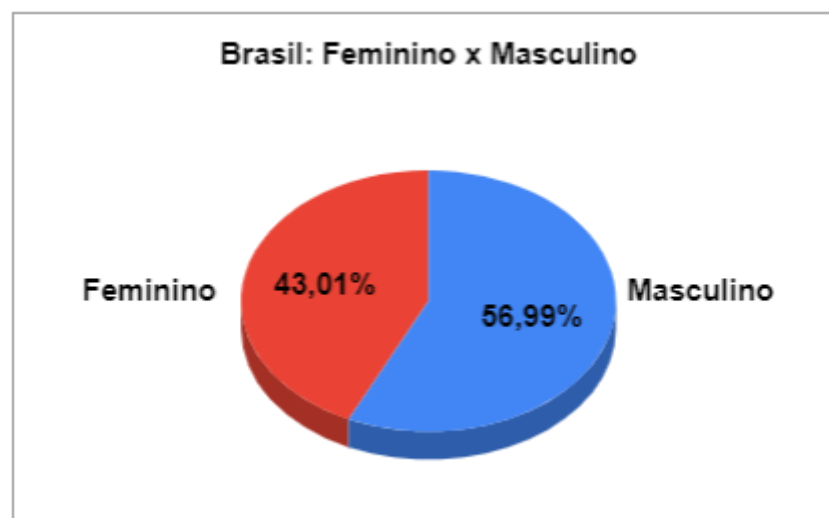
Gráfico 6 - Comparativo por Gênero dos Profissionais Ativos nos Conselhos Regionais de Contabilidade das 5 Regiões do Brasil



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do CFC, 2021.

A partir da tabela 6, observa-se que do total dos profissionais registrados no Brasil, as mulheres já constituem 43,01%, conforme segue no gráfico 7, enquanto os homens, 56,99%. Segundo dados do CFC (2018), em 2009 esse número era apenas de 25,40%, então nota-se que de fato há um crescimento da participação da mulher na profissão contábil no Brasil, tal ascensão fica explícita quando analisados o número de profissionais do sexo feminino em todas as regiões do Brasil. Ainda que em alguns estados a diferença seja um pouco maior em relação aos homens, no quadro geral do país, há sim uma evolução, e esse percentual tende a aumentar cada vez mais, pois elas já são maioria nas universidades.

Gráfico 7 - Percentual por Gênero dos Profissionais Ativos nos Conselhos Regionais de Contabilidade do Brasil



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do CFC, 2021.

Com isso, a retrospectiva na história permite uma perspectiva favorável sobre a evolução do protagonismo da mulher na profissão contábil no Brasil, ainda que o

número de profissionais do sexo feminino retrate um percentual menor que o dos homens, na última década o cenário sofreu grandes e significativas transformações. E mesmo que em algumas regiões o número de profissionais mulheres na contabilidade seja considerado muito inferior a outras, é inegável o crescimento em âmbito nacional, e que o futuro com certeza é promissor.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo desta pesquisa foi verificar se de fato existe um crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho contábil no país. Para tanto, foi utilizado revisão bibliográfica em artigos, periódicos, revistas e livros que tratassem sobre o assunto, além de dados quantitativos extraídos de órgãos reguladores da contabilidade no Brasil, como o site do Conselho Federal de Contabilidade (CFC) e dos Conselhos Regionais de Contabilidade do Brasil (CRCs).

Através da análise realizada, constatou-se que sim, existe um crescimento da presença da mulher na contabilidade brasileira, principalmente na última década, sendo reflexo da também progressão profissional da mulher no mercado de trabalho. Mediante a pesquisa bibliográfica foi possível confirmar os inúmeros desafios enfrentados e vencidos na história para que a mulher se tornasse independente e conseguisse o seu lugar no mercado profissional, influenciando também na história da contabilidade, uma profissão até então marcada e majoritariamente representada pela figura masculina.

De acordo com os dados coletados no site do CFC, hoje, as mulheres já representam 43,01% dos profissionais registrados na profissão contábil no Brasil, entre contadores e técnicos, até 2009 esse percentual era de apenas 25,40%, portanto, nota-se que houve uma evolução acelerada na última década. Isso é resultado de inúmeras iniciativas por parte do Sistema CFC/CRCs, como por exemplo, a criação da Comissão da Mulher Contabilista, do intitulado Encontro Nacional da Mulher Contabilista, que ocorre a cada dois anos, e claro, da aprovação da Resolução nº 971/03, a qual passou a assegurar uma retenção de no mínimo 20% das vagas para cada sexo nas chapas eleitorais, um grande marco para a classe contábil, prova disso é que atualmente, em 2021, pela primeira vez na história da contabilidade no Brasil, dos 27 Conselhos Regionais, 10 são presididos por mulheres CRCAM, CRCAP, CRCRR, CRCPE, CRCPI, CRCMS, CRCES, CRCMG, CRCSC e CRCRS.

Por meio da pesquisa quantitativa averiguou-se que São Paulo é o Estado com maior participação de mulheres na área contábil do Brasil, resultando em 28,24% do total de mulheres contabilistas do país, ao qual faz parte da Região Sudeste, a Região com maior representatividade de mulheres no âmbito contábil brasileiro. Isso pode ser resultado, claro, de São Paulo se tratar de uma das principais capitais brasileiras, e com um significativo número populacional. E que as Regiões Norte e Nordeste são as que precisam de mais incentivo para que a atuação de mulheres na classe contábil seja mais significativa, pois possuem um desempenho tímido se comparado às demais regiões do Brasil.

Apesar da pesquisa proporcionar uma perspectiva positiva, ainda existem muitos passos a serem dados e desigualdades a serem dissipadas. A mulher contabilista como a mulher de qualquer outra profissão ainda enfrenta dificuldades na laboração de seu trabalho diariamente. A desigualdade de gênero, diferença



salarial entre homens e mulheres, o estereótipo da figura do contador, o assédio moral, abuso emocional, ao qual a figura feminina está suscetível diariamente, além da dupla jornada entre casa e trabalho, que por muitas vezes acaba por interferir em seu desempenho profissional.

Nesse sentido, este artigo traz uma visão esperançosa para o futuro da mulher, não somente as que optarem pelas Ciências Contábeis, mas para todas que saem diariamente em busca de sua independência, de ser a protagonista de sua própria história. Desta maneira, esse trabalho corrobora para que o retrocesso não seja uma opção, e abre portas para que o debate não fique por aqui, servindo de fonte para novas pesquisas. A luta é longa, mas a mulher contabilista serve de espelho e incentivo para todas as mulheres, e para as próximas gerações, a continuar na batalha por um futuro com direitos igualitários e equidade entre os gêneros.

## REFERÊNCIAS

AIACH, Mariana Cristóvão; et al. Perfil da mulher na área contábil: comparativo entre os profissionais que atuam nas empresas de serviços contábeis de Maringá. **25ª Semana do Contador de Maringá**, Maringá, PR, 2013. Disponível em: <http://anpcont.org.br/pdf/2017/EPC1072.pdf>. Acesso em: 6 mai. 2021.

AMARAL, J. J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 2007. Disponível em: <http://200.17.137.109:8081/xiscanoe/courses-1/mentoring/tutoring/Como%20fazer%20pesquisa%20bibliografica.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2021.

ARISTÓTELES. **A Política**. 3. ed. Tradução Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BARROSO, Deivson Vinicius. **Teoria da Contabilidade**. Salvador, BA: UFBA, Universidade Federal da Bahia - Faculdade de Ciências Contábeis, 2018. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/553593/2/eBook%20FCCC58-Teoria%20da%20Contabilidade.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2021.

BERTOLINI, L. B. A. **Relações entre o Trabalho da Mulher e a Dinâmica Familiar**. 2 ed. São Paulo: Vetor. 2002.

BORDIN, P.; LONDERO, R. I. **Atividade Contábil Exercida pela Mulher em Santa Maria - RS**. *Disciplinarum Scientia: Série Ciências Sociais Aplicadas*. Santa Maria. v. 2, n. 1. p. 109-121, 2006. Disponível em: <https://periodicos.unifra.br/index.php/disciplinarumSA/article/view/1465/1380>. Acesso em: 2 jul. 2021.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Brasília. Disponível em: BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 05 jul. 2021.

BRITTO, Cristina. Uma breve história do controle: na visão de um Tribunal centenário. Salvador: **P55 Edições**, 2015. Disponível em: [https://www.tce.ba.gov.br/images/livro\\_tce\\_historia%20do%20controle\\_PDF\\_paginas\\_duplas\\_28082015.pdf](https://www.tce.ba.gov.br/images/livro_tce_historia%20do%20controle_PDF_paginas_duplas_28082015.pdf). Acesso em: 05 jul. 2021.

BUESA, Natasha Young. A Evolução Histórica da Contabilidade como Ramo do Conhecimento. **Revista Eletrônica Gestão e Negócios**. v. 1, n. 1, 2010. Faculdade de São Roque. Disponível em: [http://www.facsaroque.br/novo/publicacoes/pdfs/natasha\\_adm.pdf](http://www.facsaroque.br/novo/publicacoes/pdfs/natasha_adm.pdf). Acesso em: 06 jul. 2021.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

FRANCO, Hilário. **Contabilidade Geral**. São Paulo: Atlas, 1997.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HIGA, Flávio da Costa . Assédio Sexual no Trabalho e Discriminação de Gênero: Duas Faces da Mesma Moeda?. **Revista Direito GV**. v. 12, n. 2, mai/ago, 2016. São Paulo. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdgv/a/8GDj4ypKNzxVVpqJKLrzFjP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 jun.2021.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**: Estatística de Gêneros. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html?=&t=>. Acesso em: 09 jul.2021.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Teoria da Contabilidade**. 11 ed. São Paulo: Atlas, 2015.

IUDÍCIBUS, Sérgio de; MARION, José Carlos. **Introdução à teoria da contabilidade**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JESUS, Bruno Silva Jesus; RAMOS, Mayara de Oliveira; ULBANERE, Rubens Carneiro. **Mulheres no Mercado de Trabalho**. Ribeirão Preto: UNAERP, 2011. Disponível em: <https://www.unaerp.br/documentos/1498-432-1506-1-sm/file>. Acesso em: 04 jul.2021.

LOMBARDI, Maria Rosa. Um Mercado de Trabalho Cada Vez Mais Feminino. **Fundação Carlos Chagas**. Difusão de Ideias. Out. 2007. Folha Dirigida. p. 4.

Maria Clara Cavalcante Bugarim. **Conselho Federal de Contabilidade - CFC**, 2021. Disponível em: <https://cfc.org.br/presidencia/presidentes/maria-clara-cavalcante-bugarim/>. Acesso em: 25 nov. 2021.

MATTES, Candida de Souza; DALONGARO, Roberto Carlos; WESZ, Luís Fernando Peixoto. A História da Contabilidade e seus Aspectos Contemporâneos: Uma Contribuição Teórica ao Profissional da Atualidade. **Ricadi**. v. 4, jan/jul, 2018. Disponível em: <http://urisaolui.com.br/site/wp-content/uploads/2018/08/Revista-4%C2%AA-edi%C3%A7%C3%A3o-1-Artigo-03.pdf>. Acesso em: 7 mai. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; et al. **Pesquisa Social**: Teoria, Método e Criatividade. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MONTEIRO, Vera Suzana. **CRC Notícias**, p.7, dez. 2003.

MORAES, Rita; OROSCO, Dolores, O poder do salto alto, **Revista Isto é**, n. 1796,10 mar. 2004.

MOTA, E. C. F.; DE SOUZA, M. A. A evolução da mulher na contabilidade: os desafios da profissão. **Revista Gestão e Desenvolvimento em Contexto**. v. 2, n. 1, 2014. Disponível em: [https://unibhcienciascontabeis.files.wordpress.com/2013/11/artigo\\_mulher\\_contabilista\\_completo.pdf](https://unibhcienciascontabeis.files.wordpress.com/2013/11/artigo_mulher_contabilista_completo.pdf). Acesso em: 02 jul. 2021.

MOTA, Érica Regina Coutinho Ferreira; SOUZA, Marta Alves de. A evolução da mulher na contabilidade: os desafios da profissão. **Convibra**, MG, 2012. Disponível em: [https://unibhcienciascontabeis.files.wordpress.com/2013/11/artigo\\_mulher\\_contabilista\\_completo.pdf](https://unibhcienciascontabeis.files.wordpress.com/2013/11/artigo_mulher_contabilista_completo.pdf). Acesso em: 7 mai. 2021.

Mulheres assumem papel de destaque na Contabilidade. **Conselho Regional de Contabilidade de Santa Catarina - CRCSC**, 2019. Disponível em: <http://www.crcsc.org.br/noticia/view/7104>. Acesso em: 26 abr. 2021.

OLIVEIRA, Amanda. Comissão da Mulher Contabilista debate sobre a liderança feminina durante a pandemia. **Conselho Federal de Contabilidade - CFC**, 2021. Disponível em: <https://cfc.org.br/noticias/comissao-da-mulher-contabilista-debate-sobre-a-lideranca-feminina-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

PASETTO, Nilva Amália. CFC Mulher Contabilista. **Conselho Federal de Contabilidade - CFC**, 2021. Disponível em: <https://cfc.org.br/projetos-programas/cfc-mulher-contabilista/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

PASETTO, Nilva Amália. Março: mês da mulher contabilista. **Conselho Federal de Contabilidade - CFC**, 2021. Disponível em: <https://cfc.org.br/destaque/marco-mes-da-mulher-contabilista/>. Acesso em: 20 nov. 2021.

PEREIRA, R. S. P. ;SANTOS, D. A. ;BORGES, W. **A Mulher no Mercado de Trabalho**. São Luís, MA, ago. 2005.

PINTO, José Augusto Rodrigues. **Empregabilidade da Mulher no Mercado Atual de Trabalho**. 2007. Disponível em: [http://www.prt18.mpt.gov.br/eventos/2007/mulher/anais/artigos/jose\\_augusto.pdf](http://www.prt18.mpt.gov.br/eventos/2007/mulher/anais/artigos/jose_augusto.pdf). Acesso em: 06 jul.2021.

PROBST, Elisiana Renata. A Evolução da Mulher no Mercado de Trabalho. **Revista Leonardo Pós**. n. 2, jan./jun, 2003. Disponível em: <http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev02-05.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2021.

Profissionais Ativos nos Conselhos Regionais de Contabilidade agrupados por Gênero. **Conselho Federal de Contabilidade - CFC**, 2021. Disponível em: <https://www3.cfc.org.br/spw/crcs/ConsultaPorRegiao.aspx?Tipo=0>. Acesso em: 19 nov. 2021.

RAMOS, Mayra Maria Guilherme Alves. **Contabilidade feita por elas: Participação das mulheres Alagoanas na profissão contábil**. 2018. Disponível em: [http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/5366/1/Contabilidade%20feita%20por%20elas\\_participa%20a7%20das%20mulheres%20alagoanas%20na%20profiss%20cont%20a1bil.pdf](http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/5366/1/Contabilidade%20feita%20por%20elas_participa%20a7%20das%20mulheres%20alagoanas%20na%20profiss%20cont%20a1bil.pdf). Acesso em 25 nov. 2021.

SÁ, Antônio Lopes de. **História geral e das doutrinas da contabilidade**. São Paulo: Atlas, 1997.

SANTOS, Fabrício. Empoderamento das mulheres na contabilidade. **Conselho Federal de Contabilidade – CFC**, 2018. Disponível em: <https://cfc.org.br/noticias/o-empoderamento-das-mulheres-na-contabilidade/>. Acesso em: 27 abr. 2021.

SANTOS, Letícia Tadeu Sobrinho; BARBOSA, Edna Alves. **A História da Contabilidade: Origem e Evolução**. GO: Associação Educativa Evangélica, 2002. Disponível em: <http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/10747/1/TCC%20leticia%2002.pdf>. Acesso em: 06 jul. 2021.

SCHMIDT, Paulo. **História do Pensamento Contábil**. Porto Alegre: Bookman, 2000.

SILVA, Derley Júnior Miranda; et al. Estereótipos de gênero na contabilidade: afinal como a mulher contadora é vista?. **Congresso Anpcont**, Belo Horizonte, MG, p. 1-4, 2017. Disponível em: <http://anpcont.org.br/pdf/2017/EPC1072.pdf>. Acesso em: 6 mai. 2021.

SILVA, Gleicikely Reis; GOMES, Analice Sousa. A história da contabilidade e a evolução da mulher: empoderamento e crescimento profissional feminino. **Reiva Revista**, Goiás, GO, v. 4, n. 2, 2021. Disponível em: <http://reiva.emnuvens.com.br/reiva/article/view/176>. Acesso em: 7 mai. 2021.

SILVA, Hélio da; CARLI, Diderot; PEREIRA, Antônio Moacyr. **Evolução histórica**. **Revista Brasileira de Contabilidade**, n. 75, p. 30-33, jun. 1991.

THOMÉ, Candy Florencio; SCHWARZ, Rodrigo Garcia. Desigualdade em Razão de Gênero e Divisão Sexual do Trabalho: Suas Consequências sobre a Saúde das Trabalhadoras. **Revista Direitos Humanos Fundamentais**. n.2, jul/dez, p. 187-202, 2015. Disponível em: [http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao\\_e\\_divulgacao/doc\\_biblioteca/bibli\\_servicos\\_produtos/bibli\\_boletim/bibli\\_bol\\_2006/fieo09.pdf](http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/bibli_boletim/bibli_bol_2006/fieo09.pdf). Acesso em: 09 jul.2021.

TIGRE, Cármen Alves; et al. **Trajetória da mulher contabilista nos 70 anos do CRCRS**. Conselho Regional de Contabilidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: [http://www.crcrs.org.br/arquivos/livros/livro\\_trajetoria\\_mulher.-pdf](http://www.crcrs.org.br/arquivos/livros/livro_trajetoria_mulher.-pdf). Acesso em: 4 mai. 2021.

TONETTO, Patrícia Tramontin. **A mulher contadora: o perfil das profissionais e as perspectivas para o futuro das formadas entre 2007 a 2011 do curso de ciências contábeis da Universidade do Extremo Sul Catarinense**. 2012. 104 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Contábeis) - Universidade do Extremo Sul de Santa Catarina, Criciúma, 2012.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me capacitado e me sustentado até aqui. Não conseguiria sem Ele.

Ao amor da minha vida, Bruno, meu esposo, que esteve ao meu lado me incentivando a todo momento, sempre com paciência e carinho para comigo. Te amo, meu amor.

À minha família, em especial, aos meus pais, Ana Lúcia e José Carlos, pelo imenso amor, apoio e confiança que demonstraram por mim. Principalmente, à minha querida mãe que desde sempre me estimulou e me encorajou a estudar e nunca desistir dos meus sonhos.

À minha orientadora Profa. Me. Patrícia Coelho Motta de Souza pelo auxílio, contribuição e paciência na elaboração do artigo.

À Universidade La Salle, pela formação concedida e a todos os professores do curso de Ciências Contábeis, os quais participaram ativamente da minha jornada.